

Testemunho em “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, de Wilberth Salgueiro

Testimony in “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, by Wilberth Salgueiro

Andressa dos Santos Vieira*
Maikely Teixeira Colombini*

O livro *Sonetos*, do poeta Wilberth Salgueiro, foi publicado pela Editora Causa no ano de 2021 e é composto pela Apresentação “Carixaba, capioca”, escrita por Marcus Freitas, pela “Explicação bem breve sobre os títulos”, trazida à luz pelo próprio poeta, e por outras sete partes temáticas que, juntas, somam um total de quarenta e oito sonetos. A primeira parte, “Uns livros transformados em sonetos”, conta com oito sonetos; a segunda, “Uns filmes transformados em sonetos”, conta com sete sonetos; a terceira, “Eróticos sonetos do Cadu”, conta com oito sonetos; a quarta, “Alguns sonetos bem engajadíssimos”, conta com nove sonetos; a quinta, “Objeitos

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista Capes.

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

(rudimentos filosóficos)”, conta com seis sonetos; a sexta, “Pra Vicente, Maria, mais família”, conta com quatro sonetos; e a sétima, “No bar Cochicho da Penha e bebendo”, conta com seis sonetos.

Acerca dos poemas que compõem o livro *Sonetos*, Pedro Marques (2021) chama atenção para o fato de que

Wilberth Salgueiro fez do soneto seu campo de jogo. Aí vai tocando e lançando cada palavra, armando as maiores jogadas. Porque se a forma é fixa, seu discurso é movente, cheio de polifonias, de lances dramáticos, sem medo de ruídos e interferências de outros gêneros discursivos, não raro desprestigiados pelos modelos clássicos. Seus sonetos prescindem dos esquemas de rimas convencionais, escolhem as rimas assonantes e mesmo espalhadas. Suas rimas ou dobres são como as estampas do tecido poético. Os ataques sonoros não são previsíveis só pela ponta direita da página, mas são costurados por todo o corpo do poema (MARQUES, 2021).

Ao costurar os “ataques sonoros” por todo o corpo do poema, o poeta atribui leveza a um texto que, *a priori*, é marcado pelo rigor da sua forma fixa, e o faz sem medo de abdicar dos esquemas de rimas convencionais para dar lugar às “rimas assonantes e mesmo espalhadas”, carregando o seu texto de uma saborosa sensação de liberdade.

Em termos temáticos, ao escolher revisitar o *Quarto de despejo* de Carolina de Jesus em seu soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”,

*Diário de uma favelada: quarto
de despejo* é uma porrada no
leitor gramatical, burguês, de pança
cheia, que pensa tendo no horizonte

o próprio umbigo. *Quarto* tem a Fome
como protagonista: cena quase
que não há sem que a bruta flor da Fome
tome conta. Mas não só. Também há

histórias de misérias, mil misérias,
que Carolina não se cansa: re-
pete-as como se fossem mil petéquias.

Quarto incomoda: preta, favelada,

Pobre, mulher, mãe e solteira fala
Em língua-carolina, não recata (SALGUEIRO, 2021, p. 20),

ele apresenta o testemunho de uma escritora “preta, favelada / pobre, mulher, mãe e solteira” que fala em língua própria e ressalta a importância de sua produção literária para a compreensão do que é ser e existir no mundo.

Este artigo busca analisar como as temáticas do testemunho, que podem ser encontradas no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, se fazem presentes no soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, que compõe o livro *Sonetos*, bem como a maneira como o poeta trata de questões como a indiferença demonstrada por parte do público leitor de literatura diante da obra da escritora, as mazelas sociais enfrentadas por ela e o fato de ela representar diferentes grupos minoritários. O aporte teórico contará com estudos de Jeanne Marie Gagnebin, Gustavo V. García e Jaime Ginzburg.

Quarto de despejo: diário de uma favelada

Em *Sonetos* (2021), o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina Maria de Jesus e publicado em 1960, serve como intertexto para o poeta Wilberth Salgueiro criar o soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”. A inversão de palavras no título não altera a realidade nua e crua de uma catadora de papel que decide narrar, de maneira triste e contundente, o seu cotidiano na comunidade do Canindé, em São Paulo.

No livro de Carolina de Jesus, a narradora diz que a favela é o quarto de despejo que as autoridades ignoram (JESUS, 2004, p. 90) e que nesse *Quarto* os favelados são como objetos:

Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que

eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá (JESUS, 2004, p. 36-37).

É indiscutível a força da narrativa brasileira quando se trata de testemunho, e *Quarto de despejo* é prova disso, visto que a escritora testemunha as diferentes formas de violência e os sofrimentos que permeiam a sua comunidade, como a dificuldade de garantir o básico para a alimentação, e exterioriza essas vivências por meio da escrita, fazendo com que seja vista como representante de uma coletividade oprimida e posta à margem da sociedade. Diante disso, o poeta capta essa opressão e produz um soneto-homenagem engajado.

No artigo "A função da literatura nos trópicos: notas sobre as premissas evolucionistas de Antonio Candido", Anita Martins Rodrigues de Moraes (2017, p. 41) afirma que a função humanizadora da literatura é, para Candido, indissociável de uma função civilizadora e destaca que, a partir de uma análise concreta, o crítico conclui que "a literatura não apenas humaniza, pode, também, desumanizar". Nessa conjuntura, cabe pensar a escrita de Wilberth Salgueiro e de Carolina de Jesus. No caso desta, nota-se aquela função a partir da sintaxe e do discurso originalmente utilizados por ela, bem como o papel social que seu texto carrega nas denúncias das mazelas enfrentadas diariamente por uma enorme parcela da população brasileira que vive em situação de pobreza, de miséria e de total desamparo, especialmente num contexto periférico como a favela.

Na "Apresentação" de sua coletânea de estudos intitulada *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*, Salgueiro reúne dezesseis ensaios que giram em torno dessa temática e assinala que "pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma" (2011, p. 9). As fronteiras são, de fato, bastante complexas; no entanto, é muito importante refletir sobre a forma como a perspectiva

testemunhal faz-se presente na literatura produzida por Carolina de Jesus e, mais especificamente, no soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”.

Segundo Emanuel Régis Gomes Gonçalves (2014, p. 47), o descaso e a demagogia são as duas principais modalidades de contato das instituições oficiais com a escritora e os demais personagens de sua narrativa. Modalidades comumente travestidas de discursos que abarcam desde a falsa filantropia até a pregação religiosa e que são desmascarados pelo olhar aguçado de Carolina de Jesus e por sua constante necessidade de expressar suas frustrações e sentimentos por meio de seus escritos. Nesse sentido, sua obra é uma forte expressão da voz subalterna e excluída que permite a Salgueiro assumir o papel de testemunha, tal qual Carolina de Jesus, ao levar em consideração que

[...] testemunha não é somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Partindo dessa perspectiva de testemunha, é possível perceber que o poeta reelabora as vivências da escritora sem ser indiferente ao seu relato. Pelo contrário, ele solidariza-se com Carolina de Jesus na medida em que reconhece a força arrebatadora que o seu testemunho carrega. De acordo com Marcus Freitas (2021), na apresentação do livro *Sonetos*, intitulada “Carixaba, capioca”, a postura adotada pelo poeta é capaz de despertar o pensamento do seu leitor, afinal

[...] nestes Sonetos, divididos em sete seções nas quais se cruzam Wilberth e suas obsessões – o testemunho, o humor, a política, os prazeres do corpo e da alma, a consciência social, a literatura e a arte, a paixão pela forma poética –, o leitor irá uma vez mais redescobrir que a poesia não pode resolver os problemas do homem e do mundo, mas nos coloca para pensar neles, com graça, com rigor, com fúria e

delicadeza, com a beleza que só a grande poesia pode dar (FREITAS, 2021, p. 14).

Tanto Carolina de Jesus como Salgueiro são capazes de fazer despontar, por meio de uma fala em tensão, uma realidade que é determinada pela fome e pela miséria. Acerca disso, Gonçalves (2014, p. 9) levanta a hipótese de que *Quarto de despejo* “apresenta um enfoque em que a literatura aparece vista de baixo; ou seja, o pobre e a pobreza abandonam sua condição de objeto de representação das classes privilegiadas e cultas para assumirem o lugar de *agentes dessa representação*”. Carolina de Jesus pertence a uma camada social marginalizada socialmente e a sua produção literária reforça a situação de miséria em que vive enquanto faz pensar como a pobreza é representada na literatura brasileira pelo viés de uma mulher que é mãe, negra, pobre e favelada, mas que também é escritora.

“Diário de uma favelada: quarto de despejo”

Lançando um olhar sobre o soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, que se encontra na primeira parte do livro, intitulada “Uns livros transformados em sonetos”, como vimos, é possível identificar suas quatro estrofes bem organizadas em dois quartetos e dois tercetos. No primeiro quarteto,

*Diário de uma favelada: quarto
de despejo* é uma porrada no
leitor gramatical, burguês, de pança
cheia, que pensa tendo no horizonte

a palavra “porrada” — definida como pancada, bordoadas no Dicionário Houaiss — atua como reveladora do estranhamento que o “leitor gramatical, burguês, de pança / cheia” sente ao deparar-se com os fortes relatos sobre a fome descritos por Carolina de Jesus, pois, como “o bom negro e o bom branco da nação brasileira”, de que fala Oswald de Andrade no poema “Pronominais”, *Quarto de despejo* traz a linguagem da autora, que, em muitos momentos, contraria a

gramática normativa devido à falta de escolarização, orientando-se, então, pela língua falada, pelo coloquialismo e pelo conhecimento de mundo adquirido e vivenciado.

Ao fazer uso da sonoridade forte e agressiva do substantivo feminino “porrada”, o poeta desfere outra pancada na cara do leitor “que pensa tendo no horizonte // o próprio umbigo”, escancarando sua capacidade, ou opção, de enxergar apenas aquilo que se encontra próximo a ele, ou seja, aquilo que orbita apenas no entorno de sua própria realidade.

o próprio umbigo. *Quarto* tem a Fome
como protagonista: cena quase
que não há sem que a bruta flor da Fome
tome conta. Mas não só. Também há

Tamanha indiferença parece impedi-lo de internalizar o real significado da fome, da falta de acesso e da ausência de oportunidades, uma vez que, imerso em sua confortável condição social, que permite que desfrute de privilégios que o mantenham constantemente satisfeito, permanece totalmente indiferente ao sofrimento do outro.

O estranhamento desse leitor burguês diante de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* ocorre pela falta de empatia que atinge parte do público leitor de literatura, muito disso devido à demasiada importância que dá para si próprio ao agir de maneira egoísta, narcisista, tornando-se incapaz de enxergar a realidade de outras pessoas, especialmente daqueles em condição de vulnerabilidade social. Trata-se de um leitor indiferente às mazelas que atingem uma enorme parcela da sociedade brasileira, e isso reflete como se a narradora se visse confrontada por “um senso de ameaça constante por parte da realidade” (GINZBURG, 2011, p. 22), dado que “*Quarto* tem a Fome / como protagonista”, uma Fome que assume lugar de destaque na vida das pessoas e apresenta-se como substantivo próprio, grafado com letra maiúscula, a fim de destacar a força e o impacto que causa.

A Fome protagonista que ganha destaque no segundo quarteto é utilizada pelo poeta para enfatizar que a escritora personifica a fome em seu texto, como metáfora de sofrimento, pois, embora seja “flor”, é brutal, e a brutalidade pode ser avassaladora. Não por acaso, o valor atribuído ao tema “comida” adquire um significado outro em *Quarto de despejo*, pois, segundo Gonçalves, “o diário de Carolina Maria de Jesus traz, como motivação central das ações da personagem, a *busca de alimento para ela e para seus filhos*” (GONÇALVES, 2014, p. 67). Ficção e realidade confundem-se, pois Carolina de Jesus e sua família sentem na pele os efeitos devastadores da fome:

...Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

...A comida no estomago é como o combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. Eu tinha impressão que eu deslisava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida (JESUS, 2004, p. 38).

Gonçalves (2014, p. 68-69) assinala ainda que a fome da qual sofre Carolina de Jesus interfere em outros elementos da composição de sua obra, inclusive elementos estilísticos. Entre as metáforas que a narradora utiliza para dar expressão à realidade que a cerca, ele destaca as seguintes: a fome como mecanismo de aprendizado e solidariedade; a fome como fator de animalização dos seres humanos; a fome como elemento sinestésico; a qualidade de certos alimentos como atributos morais; a comida como espetáculo. Como se vê, em *Quarto de despejo* a pobreza é representada, mas é principalmente experienciada, e isso explica, em certa medida, por que o poeta decide escrever Fome com letra maiúscula. O motivo dessa escolha pode ser compreendido pelo fato de ela fazer-se presente no cotidiano das pessoas de forma contundente e não há como livrar-se dela, mesmo temporariamente, sem antes saciá-la.

Carolina de Jesus narra, tendo como ponto de partida a visão de dentro da favela do Canindé e, a seu ver, a fome tem cor, é amarela, tonalidade comumente associada ao sol ou ao ouro, mas que para ela assume contornos de uma morte quase certa. A narradora não se restringe à temática da fome, e Salgueiro percebe isso, ao afirmar em seu poema que “Também há / histórias de misérias, mil misérias” ganhando vida entre o seu povo.

A repetição do vocábulo “misérias”, dispostos estrategicamente no verso de abertura do primeiro terceto,

histórias de misérias, mil misérias,
 que Carolina não se cansa: re-
 pete-as como se fossem mil petéquias.

reforça os estados de carência, de sofrimento e de total falta de meios para a subsistência que a escritora enfrenta ao contar a sua história, enquanto que a rima com “petéquias” é utilizada como recurso alusivo às marcas deixadas pelos diversos traumas sofridos ao longo de sua existência:

Mesmo diante de tamanhos sofrimentos e de inúmeras dificuldades enfrentadas durante a vida, o poeta ressalta o fato de que “Carolina não se cansa”, não se entrega e, acima de tudo, não desiste. Afinal, mesmo com diversos motivos para ceder, ela mostra-se capaz de reunir as forças das quais dispõe para resgatar as “histórias de misérias”, experienciadas e testemunhadas, e as enfrenta para, então, transformá-las em relatos de vida através dos registros que faz, deixando, assim, a sua marca no mundo, ao passo que demonstra toda a força de ser mulher. Uma mulher que carrega grande individualidade, que o poeta faz questão de destacar no segundo terceto:

Quarto incomoda: preta, favelada,
 pobre, mulher, mãe e solteira fala
 em língua-carolina, não recata.

O poeta aponta para o desconforto gerado pelas lutas e pelos sofrimentos que parecem transbordar em enorme quantidade das páginas do livro de Carolina de Jesus na afirmação que faz logo no início do primeiro verso: “*Quarto* incomoda”. Ele justifica sua afirmativa apontando para o maior incômodo causado pelo livro da escritora, o fato de ele abrir as portas de entrada do meio literário para uma escritora que rompe com todos os padrões normativos estabelecidos e socialmente aceitos.

O incômodo causado por Carolina de Jesus acontece devido ao fato de a escritora carregar mais de uma característica comum a diferentes grupos minoritários, conforme destacado pelo poeta, é “preta, favelada / pobre, mulher, mãe e solteira”, procurando despertar, assim, grande desconforto na parcela da sociedade brasileira que age de maneira descomunal para manter indivíduos pertencentes a esses grupos enterrados no mais completo estado de impossibilidades, de modo que permaneçam totalmente distantes das oportunidades e dos prazeres da vida, ficando praticamente impedidos de viver, sendo destinadas a eles aquilo que o leitor burguês despreza, como a sobrevivência e a subserviência.

A porrada no “leitor gramatical, burguês” é retomada pelo poeta em “fala / em língua-carolina, não recata”, para deixar claro que Carolina de Jesus tem voz própria e que ela não a usa somente para falar, mas para gritar para o mundo inteiro, sem recato ou impedimentos, algumas injustiças sociais. Dessa forma, “Diário de uma favelada: quarto de despejo” traduz a forma como uma das mais importantes escritoras negras da Literatura Brasileira conseguiu enxergar e expressar suas vivências como moradora da Favela do Canindé. Em seu livro, Carolina de Jesus mostra-se incansável na sua forma de denunciar, o que pode explicar, em grande medida, o estranhamento do leitor “de pança / cheia”, por encontrar-se muitas vezes alheio ao outro.

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* dá voz a essa mulher. Essa voz que é materializada em “língua-carolina”, com características que lhes são bem específicas, desmascara a desigualdade social, a falta de acesso à educação e à saúde, a pobreza, a fome e a miséria que assolam o país. Segundo Jaime Ginzburg (2011, p. 20), quando se trata de testemunho, há “uma perspectiva que associa diretamente o debate sobre a escrita à reflexão sobre exclusão social”, dado que o testemunho solicita “uma integração necessária” entre os campos da literatura e da história. Nesse caso, a literatura cumpre um papel que vai além de entreter, visto que proporciona à sociedade a possibilidade de uma leitura embasada no senso crítico e na humanidade. Logo, não há lugar para uma ruptura entre a história e a forma, bem como entre a ética e a estética.

De acordo com Gustavo V. García (apud GINZBURG, 2011, p. 20), a escrita de testemunho é “uma forma nova de criar literatura, em contrariedade à tradição canônica”. Em se tratando de Carolina Maria de Jesus, fica bastante evidente como, a partir de uma escrita bastante peculiar, a catadora de papel contrapõe-se a autoritarismos institucionais e aos padrões sociais vigentes. Acerca disso, Jaime Ginzburg (2011, p. 21) esclarece que “o testemunho transgride os modos canônicos de propor o entendimento da qualidade estética, pois é parte constitutiva de sua concepção um distanciamento com relação a estruturas unitárias e homogêneas”, enquanto chama a atenção para o fato de que também “aponta para a dificuldade de narrar os acontecimentos”.

Certamente, Carolina de Jesus deve ter enfrentado, diversas vezes ao longo de sua trajetória como escritora, enormes dificuldades para conseguir narrar os acontecimentos, afinal, eram muitas as dores, tanto físicas quanto psicológicas, que a permeavam no seu dia a dia, especialmente quando se via obrigada a enfrentar o sofrimento sentido na pele por seus filhos. No que diz respeito à transgressão dos modos canônicos, em “Diário de uma favelada: quarto de despejo” a linguagem adotada permite que o leitor identifique o discurso inflamado do poeta que, tal qual Carolina de Jesus, procura desmascarar a realidade. Marcus Freitas (2021), também esclarece que

Os sonetos de Wilberth trazem essa poderosa dupla marca de contralírica: versos brancos, testemunho do mundo. Por versos brancos, digo aqui da renovação que os seus sonetos trazem ao ritmo, à melodia, impondo à forma imprevisíveis cesuras, imastigáveis dicções, inconcebíveis surpresas. Por sentido de realidade, digo do gosto de prosa dos seus decassílabos, do sentido de testemunho de sua lírica, do humor de sua política, da autoironia de sua voz fescenina, do rigor de sua paixão pelas pessoas amadas e pelas coisas vividas, de sua consciência social pela forma, engajamento através de enjambementos (FREITAS, 2021, p. 13-14).

Ao transformar o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* no soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, o poeta permite que o seu leitor atravessasse novamente pelos testemunhos das vivências de Carolina de Jesus, só que, dessa vez, o faz a partir da experiência de leitura do próprio escritor, ou seja, a partir do seu testemunho. Isso acontece porque a origem da noção de testemunho “remete etimologicamente à voz que toma parte de um processo, em situação de impasse, e que pode contribuir para desfazer uma dúvida” (GINZBURG, 2011, p. 21).

O poeta é a voz que toma parte dos sofrimentos, das injustiças e dos diferentes tipos de preconceitos sofridos, inicialmente pela mulher, pela favelada, pela mãe, pela preta, pela solteira, e que, à medida que ela vai revelando-se como uma escritora, passam a atingir também a sua produção literária, a sua obra como um todo, e, diante disso, o poeta se mostra atento e engajado, disposto a fazer sua denúncia para que jamais caia no esquecimento ou torne a acontecer.

Referências:

FREITAS, Marcus. Carixaba, capioca. In: SALGUEIRO, Wilberth. *Sonetos*. Vitória: Causa, 2021. p. 13-14.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011. p. 19-29.

GONÇALVES, Emanuel Régis Gomes. *A literatura vista de baixo: o livro Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. 2014. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10495/1/2014_dis_erggoncalves.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

HOUAISS, Antônio. *Pequeno Dicionário Digital Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2004. .

MARQUES, Pedro. O 10 dos 14 [Orelha de livro]. In: SALGUEIRO, Wilberth. *Sonetos*. Vitória: Cousa, 2021.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. A função da literatura nos trópicos: notas sobre as premissas evolucionistas de Antonio Candido. *Cerrados*, Brasília, v. 26, n. 45, p. 41-54, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/22747>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SALGUEIRO, Wilberth. *Sonetos*. Vitória: Cousa, 2021.

SALGUEIRO, Wilberth. Apresentação. In: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011. p. 9-16.

RESUMO: Este artigo busca analisar como a temática do testemunho, que pode ser encontrada no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, se faz presente no soneto “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, que compõe o livro *Sonetos*, de Wilberth Salgueiro, publicado em 2021, bem como a maneira como o poeta trata de questões como a indiferença demonstrada por parte do público leitor de literatura diante da obra da escritora, as mazelas sociais enfrentadas por ela e o fato de ela representar diferentes grupos minoritários. O aporte teórico contará com estudos de Jeanne Marie Gagnebin, Gustavo V. García e Jaime Ginzburg.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira contemporânea. Wilberth Salgueiro – *Sonetos*. Testemunho – Tema literário. Wilberth Salgueiro – Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT: This article seeks to analyze how the theme of the testimony, which can be found in the book, *Child of the Dark*, by Carolina Maria de Jesus, is present in the sonnet “Diário de uma favelada: quarto de despejo”, which makes up the book *Sonetos*, by Wilberth Salgueiro, published in 2021, as well as the way the poet deals with issues such as the indifference shown by part of the literature reading public towards the writer’s work, the social woes faced by her, and the fact that she represents different minority groups. The

theoretical contribution will include studies by Jeanne Marie Gagnebin, Gustavo V. García and Jaime Ginzburg.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Poetry. Wilberth Salgueiro – *Sonnets*. Testimony – Literary Theme. Wilberth Salgueiro – Carolina Maria de Jesus.

Recebido em: 5 de abril de 2023
Aprovado em: 11 de agosto de 2023